



Mundo

FOLHA DA TARDE

R. 55

REDACÇÃO

TODA A CORRESPONDENCIA DEVE SER DIRIGIDA AO ADMINISTRADOR

ADMINISTRAÇÃO

123 - RUA DOS CORREIROS - 2.

A. DE SOUZA PINTO

140 - RUA DOS CORREIROS - 1.

ASSIGNATURA

900 reis
24250
124000

1.º Anno

Sabbado 1 de julho - 1882

LISBOA

Numero 1

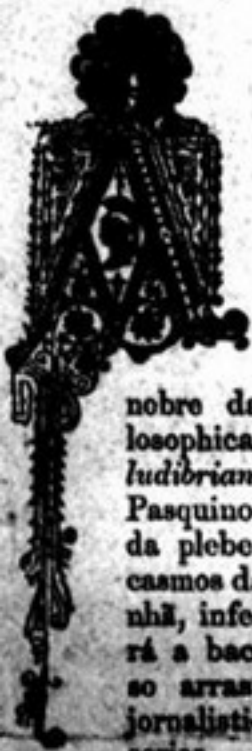
PUBLICAÇÕES

Anuncios, por linha 20
Comunicados, por linha 60
Numero avulso 10 reis, passado o dia 20

TRIBUNA

A NOSSA BANDEIRA

IMPRESA revolucionaria, em toda a Europa, é o supremo ludibrio da ideia, deslizando no maximo vandalismo da fraze. Não tem a elevação epica das aspirações heróicas, nem o estylo nobre da propaganda philosophica. Hoje, insidiosa e ludibriante, é o espectro de Pasquino, que incita as iras da plebe e provoca os sarcasmos das multidões. A manha, infecta e dissoluta, será a boachante do progresso arrastando a dignidade jornalística entre vicios e miserias.



A imprensa assim será a nodosa eterna da civilização.

É preciso inaugurar uma época nova.

Emudeçam os despeitos; dominem-se as vaidades; reprimam-se os odios; sufiquem-se as paixões: sobre as ruínas da politica, polluida e torpe, levante-se a bandeira da integridade inconcussa, da lealdade austera, do civismo impoluto.

Queremos aspirações legitimas, proclamadas com brios varonis.

Queremos convicções profundas, sustentadas com suprema coherencia.

Queremos o pensamento livre, irradiando, em todas as escolas, em estylo digno e em locução nobre.

Queremos liberdade para todos os

cultos, e culto para todas as liberdades.

Nós somos monarchicos humanitarios. Eis a essencia da nossa politica.

Receberemos em reverencias todas individualidades hostis, reservandonos o direito de castigar, com todo o valor, as doutrinas da seita que fermenta os vicios da época.

Guerra implacavel, mas guerra pela ideia, ao egoismo hediondo que enerva a sociedade e prostitue a imprensa. É preciso carregar, com todo o impeto dos altos principios, a injuria mercenaria, a critica corrupta, a intriga venal.

A imprensa é nobilissima instituição, não é vil commercio. Quem tiver consciencia para veniagas, espirito para estipendios, alma para torpesas, esconda-se nas sombras pavorosas do seu caracter e não venha macular o evangelho da redempção social.

O jornal deve ser a pyra sagrada, que ha de purificar os vicios do seculo.

O Egypto recebeu as leis dos sacerdotes. Os Chaldeus foram os arbitros supremos de toda a Assyria. Legislaram os Satrapas por toda a Persia. Na Grecia os Ephoros, os Tribunos em Roma dominaram todos os poderes. No Indostão os Bramines. Na velha Gallia os Druidas. Na Europa moderna os jornalistas.

Mas o jornalista digno, que tem o genuino ideal altruista, é heroe na honra, na abnegação, na hombridade; não se avilta ante a prepotencia do ouro nem se deslumbra com a ephemera popularidade da turba ignara. Não molha a pena no egoismo para cravar affrontas na convicção.

Isto é intuitivo, axiomático, perante o ideal da justiça.

A Europa oscilla no fluxo e refluxo de aberrações estupendas. Alguns escriptores, no choque violento de paixões indignas, despedaçam a honra na lucta ingloria de baixos doestos. Certos vultos politicos, distinctos nas sciencias e nas letras, eloquentes na imprensa e na tribuna, deixam-se arrastar na torrente impetuosa das maculas do seculo, e somem-se entre crimes e abjecções na voragem crapulosa de mutua calumnia.

Isto é immoral, é indigno, é horroroso. A sociedade, nos seus estremecimentos fataes, póde fazer-nos justiça tremenda.

Não se combate sophisma com sophisma; não se oppõe insidia á insidia; não se responde com affronta á affronta. São abominaveis os partidos que legalisam a injuria, é deploravel o cidadão que proclama rancores e invoca vinganças.

O heroismo da nova cruzada está na sciencia e na prudencia. Quem offender este principio philosophico é um falsario da civilização.

O jornal deve ser um sacrario de virtudes d'onde irradie a luz da moral — que sublima a ideia, que nobilita o espirito, que regenere a alma social. É difficil a transição; mas é nos grandes commettimentos que se provam os elevados espiritos. Bem sabemos que o caminho do heroismo é pelo martyrio; mas é preciso avançar com firmeza para o foco do progresso, e é preciso, primeiro que tudo, affirmar que a porta da regeneração não está nas escolas absolutas.

O absolutismo theocratico é a mesquita de Meka, coberta de gallas e ouropeis, rebrilhando em pompas no fundo sinistro da miseria tartara. É o templo do Delphos, cheio de my-

thos entre as naves de porfido, ornado de perolas e esmeraldas, destacando entre os andrajos dos ilotas e os grilhões dos parias. É o Vaticano, opulento, magestoso, altivo, deixando ver entre as columnatas de marmore dos seus vestibulos cerrados o pallido mendigo, acororado a um canto, tiritando de frio e estendendo a mão tremula á caridade da rua.

O absolutismo democratico é o egoismo dos Estados Unidos, hasteando a bandeira da emancipação dos servos para cobrir o despotismo das armas; é o estandarte de Washington onde cada estrella desponta em horizontes de sangue fraticida; é a sua philosophia paradoxal que admite todos os cultos perante a religião e só tolera o culto official no campo politico. É a Suissa, proclamando perante o espanto da Europa, a ominosa pena de morte; é ainda a immortal Helvecia repellindo de seu seio os filhos que pertencem a uma seita religiosa, e abraçando ao mesmo tempo todos os sicarios, todos os facinoras, todos os crimes de qualquer face do globo. É a França republicana representando em Sartory, ante os filhos da patria algemados e agonisantes, instinctos de fera, quando os brios gaúlezes, durante os imperios, assombraram o mundo, com heroismos epicos, desde o norte da Europa até o sul da Asia.

O absolutismo monarchico é o escandalo da época no norte da Europa. Entre nós só produziu martyres da patria. É tão hediondo o cortejo de suas vis torpezas, que a penna se recusa a tirar da moldura da historia a tela repellente de sangue, ruinas e horrores.

Cubram, para sempre, os crepes do nosso desprezo as reliquias im-

mundas dos seus escudos nefastos. Uma cruz sobre o tumulo de todos os despotismos.

Nós somos monarchicos e humanitarios. Somos pelos pobres e pelos ricos. Pelos pobres para os resgatar dos infortunios da miseria; — pelos ricos para os salvar dos perigos da guerra social.

Eis hasteada a nossa bandeira.

A REDACÇÃO

PRISMA POLITICO

A politica está irrequieta e manhosa. O foco de todas as evoluções facciosas é o syndicato. No parlamento e no comicio, na praça e na officina, no palacio e na choupana, em toda a parte, emfim, apparece o syndicato, ora com os olhos azues da esperanza venturosa, ora com os cabellos hyrtos da ira felina.

O espirito publico já principia a sentir horror á questão do syndicato, que foi posto em scena com uns impetos de tragedia nacional, e que, resvalando para a furça revolucionaria, tenta legar ao futuro uma lenda de phantasmas pueris.

O syndicato teve uma concepção laboriosa e a gestação é temerosamente difficil. É o sr. Pereira Dias, insigne obstetrico, tem medo do caso, e cil-o, fulo e rispido, a gritar eternamente contra a apresentação viciosa d'este feto da patria.

No laberinto de todas estas excentricidades politicas apparecem coisas realmente monstruosas. São os discursos dos venerandos proceres.

Na camara popular o syndicato recebeu suaves caricias do governo e terriveis repelões da opposição. Ambas as partes litigantes n'este esca-

FOLHETIM

COMO SE FAZ UM MINISTRO

(FRAGMENTO DE UM ROMANCE INEDITO)

CAP. XLIV

—Que feitiços tens, Amalia! Trazes namoradas todas as serpentes do inferno biblico. Tens comido impunemente quanta fructa ellas te offerceram. Não ha sciencia que não saibas nem descendente de Adão que não seduzas. Elles comem quantas magans lhes atiras do regaço. Ja os tens achado que comeriam bolotas, heim? Fazes porcos como Circe, uma das tuas avós, os fazia; e fazes parvos, como outra tua avó, Eva, fazia rebeldes a Deus.

O homem era um pouco farçola e outro pouco bebado, quando assim puchava as cordovecias do estylo.

É a trigueira, debruçando-se no peitoril do mirante, atirava-lhe folhas de rosas invernicas, e dizia, sorrindo entre velhaca e amorosa, com denquices de creada grave:

—Maganko! alanzôa para ahi...

Caldas que te não percebo? Ja não engulo araras, menino. Falo-te em alhos, respondes-me em bugalhos. O que tu queres é passar tempo. Vens barrado. Alicantinas, heim? Chiam todos a mesma cantiga. É como diz a mana Roza: *estylo e mais estylo*. Ella é que sabe responder a essas perlengas. Eu cá não aprendi a namorar pelos livros. Quando me mandam versos, mudo de rumo, e desconfio logo que me querem lograr...

O estudante, com ar de justificação zombeteira, atalhou:

—O que eu te disse, Amalia, não era verso.

—Isso sei eu — accudiu ella beliscada na vaidade do seu ouvido em materia de metrificação. — Até ahi chego eu. O Trigo, um terceiranista que me fez a côrte, dizia-me: *eu não faço versos; mas, se estou contigo, acho-me sempre poeta*. O que elle dizia, mais cosido ou mais assado, era isso que tu me respondes quando te pergunto se estamos a gastar tempo. Respondes-me com as cobras do inferno biblico. Lérias. Bem me fio eu em arólas! Queres que te

diga, Tiburcio? Franqueza. Perdes o tempo e o palavriado. Não faças comedia comigo. Essês chirinolas das novellas dizia-me o Caldeira que andavam ainda no giro para uso das tolas.

—Quem é o Caldeira? — perguntava a minha curiosidade.

—Era o namoro da mana Christina.

—Tens uma collecção rara de authoridades! O Trigo, o Caldeira, o Borges... Ja me citaste um Rocha, um Velloso... — tudo namoros da familia, heim?

—É como dizes; tudo namoros da familia... mas sem macula...

—De peccado original? Isso é bonito e novo n'uma familia tamanha. Quantas meninas namoravam?

—Oito irmans que somos.

—Cada uma com seu namoro... — conjecturava elle, saudindo a cinza do cigarro com o dedo minimo.

—De cada vez, a-has que não?

—Não a-ho, nem pro-uro isso, palavra de honra. Perguntava eu se elles eram todos pessoas aptas para largarem sentenças que te sirvam de regra de bem viver. Citas tanto a

miude as maximas de Trigo, de Rocha, de Borges e Caldeira... Esses sujeitos não eram asnos, ó Amalia? dize-me a verdade: esses sujeitos não eram asnos maiores da marca?

—São quase todos doutores de capello — respondeu ella com desdem esmagador.

—Adivinhei então!

E ria-se ás guinadas batendo as palmas, o farceista.

—Olha que riso tão tolo! — accudiu ella com raiva dissimulada em gestos de desprezo — Ja o sr. Tiburcio da Gaudarella adivinha que os doutores de capello são asnos! Que faria, se elle não fosse apenas um estudante de padre em Braga! Ja viram? estás muito gaiato esta noite.

—Não encordões, Amalia — redarguiu o estudante da Gandarella, acendendo com agarotadas gingações o cigarro no palito phosphorico ao qual formava com a mão recurva um guarda-vento. — Ó filha, tens sempre mostarda ingleza n'esse gentil nariz grego! Eu não sabia que estavas tão

identificada aos capellos da Universidade, e que o teu coração era tão sensivel á troça dirigida ao corpo cathedratico!

—Eu respondia-lhe — replicou ella enfurecida — se não viesse ahi o tio padre. Safe-se! ande depressa! não me comprometta!

Ao fundo da Rua dos Pellames tremeluzia o lampejo baço dos tres côtos de vela de um lampião enfumacado e pingado de cebo. Na penumbra da luzieira lugubre contornava-se a figura derreada do padre João Evangelista, amparado á bengala, e resguardado da cassimba da noite por um guarda-chuva de seda vermelha com punho de marfim de rosas surradas e amarellas. Padre João saía de tomar o seu chá com sopas de cavacas em casa dos senhores Avellares. Arrotava cidrão que comêra extraordinariamente a pedido da fidalga velha. Vinha por isso recendo quebra no aço do seu estomago; e, pondo a mão no bucho tympanitico, consultava-se se devia n'aquella noite abster-se do seu caldo de galinha e

broso pacto, representaram muito bem o seu papel. Mas n'este burburinho de odios e affectos distinguiram-se os discursos dos srs. Saraiva de Carvalho e Lourenço Malheiro. O sr. Saraiva foi o habil diplomata da palavra e o insigne critico da politica. Nesta batalha, a opposição pode conceder-lhe as dragonas de marechal. O sr. Malheiro, distinctissimo engenheiro e honesto pensador, fez a luz nas trevas technicas, que, mau grado nosso, se deslizavam em sombras oscilantes no arcopago da lei.

Apoz os dois discursos, o sr. Marianno de Carvalho, que n'esta questão tem representado, em relação ao sr. Saraiva, o papel que S. Paulo representou em relação a Christo; o sr. Marianno, que é incontestavelmente um prodigioso talento, principiou a sentir a necessidade de transportar as sombras oscilantes do parlamento para os comicios. E elle ali vai, lesto e lepidio, com aquelle olhar vago dezañando a inspiração do infinito, de braço dado com os republicanos indecisos, para o grande pagode das massas.

O leitor sabe o que é um comicio em Lisboa. Uma leria, com uns tons tribunicios, tendo do Monte Aventino apenas os sorrisos convulsivos dos pobres ignorantes e os gritos feros dos ricos paladinos. Mais alguns murros, e mais uns applausos, e eis o quadro fiel da montanha sagrada, que, como espectáculo, é, á puridade, mais humanitario, do que as festas de Nero nos circos de Roma.

Nós, que do fundo da nossa obscuridade, temos contemplado estas magicas mystificadoras, pelimos graças a S. Thomé e tambem lhe pedimos indulgencias para a politica.

HAMLET.

VIDA DA CÔRTE

ANTES DA CHRONICA

Triste mister este, meus senhores, de escrever uma chronica, apoz um passeio ao Minho! Com o delicto contemplativo da alma extasiada e com este allastrar das saudades das feracissimas vegetações, festivas dos rumorejos dos trinados, não se casa bem a elaboração de um artigo d'este molde, quando a nostalgia dos amplos horisontes, das serranias agrestes e consoladoras, nos avoca o espirito a outros vagares meditativos, em fraternidade completa com a possante natureza, haurindo a sorvos largos o que de salutar e forte se abriga no seu seio formidavel e uberimo. A imaginação propende a alar-se em vôos rasgadamente livres, em vocalisações murradas e dolentes, em fremitos e nevroses, para aquellas madrugadas tranquillias, em que espumam uns ondulados de vapor branco, subtil como iris; em que en-

rubescem com o frescor da seiva as folhiagens mosqueadas de listões vivazes, os troncos se aprumam no tonificante revigoramento da luz veludosa, os bolbos e as caruuras rijas dos fructos, as decorações dos pomares, o verdor das relvas buliçosas que bordam humidos tapizes, se harmonizam na exuberancia dos tons, e se combinam na intensa escala dos ruidos, para a mesma opulencia de colorido e para o mesmo esmero de fina symphonia.

Vem de tropel appellos e remeniscencias alegres dos esponsaes das aves amorosas, quando as ultimas estrelas se somem ao alvorecer lacteo, n'uma instrumentação de trilos afinadissimos, n'uma orchestra de gorgeios e cantares, quando os campos entre abrem risos de festa, e as papoulas e os malmequeres luzem com os cristaes que afloram em esmaltes de pedrarias, os prados se paramentam de reales assombrosos e visualidades de ambar e de anil, e nas colmeias as abelhas redopiam, architectando pilares e columnatas de favo, com a turbulencia dos seus volteios e o rebrilho das suas azas, e o canticio dos passaros e os aromas castos dos ninhos, saudam a benção de amor que se subtilisa no triumphal despertar da lucida manhã!...

Eu lembro-me de tudo: das serenidades que refulgem no ether, da doçura que perfuma as paisagens mais radias e menos amollentadas do langor da caustica irradiação, á medida que se abeira das costas, do aspecto saliente dos arvoredos, dos murtaes, que brotam e pollulam pelo pendor dos montes por onde se escapa o som dos pinheirales chorosos que os limitam a norte, e que d'ahi tomam a sinistra configuração de cabellos eriçados, a variação das zonas de cultura rareando á visinhança do Oceano; os bafos roucos que irrompem dos tufos dos cannavies e do esmorecer de tintas no palor das brumas cerulas atravez das quaes mal se descortina o relevo geral das planuras com a sua orla de povoados, de eiras em que espadanam mil seccões e bulicios, de regueiros em que o coaxar das rãs se ouve como um lamento piedoso, e a cujas bordas o rapazio alvorota os ares com descantes e balbardias, de hortas em que as couves fartas e repolhudas, vicejam, n'um enlevo de boas saloias regaladas — e tudo se affesta de uma mausidão feliz, simples como a revocada das pombas, cheias de promessas, de fremitos, de osculos, da bondade campezina evlada nas exhalações do entardecer, dos folgueos dos parlacs e dos chammejos de oiro que resaltam como faiscas das lucilantes borboletas de nacar.

Lembro-me de tudo, bom Deus! Mas que diabo! eu não faço aqui relatório de impressões, nem conto delicias de viagens. Não me sobra o tempo; mas o que é fóra de duvida

é que hoje os senhores não logram apauhar-me a chronica.

Pois, meus amigos, sendo já ponto de fé que eu sou hoje capaz de relatar tudo excepto um facto d'esta boa cidade, de descrever com minucias e detalhes sem conto um passeio ao Bom Jesus do Monte, ou á ponte do Cavado, em Barcellos, mas nunca esmiuçar um acontecimento politico, analysar um successo litterario, ou cavaquear uns cinco minutos sobre as festas do passeio publico; já impossibilidade intrinseca de dar repasto a escaudalo com alguma noticia de sensação, ou de armar ao effeito com alguma blague de repertorio moderno, vejo-me na alternativa de me retirar ou de fornecer uma estopada aos meus leitores.

Antes de me retirar cumpre-me dizer a que vim — abrir simplesmente esta secção e apresentar-me. No primeiro dia, pedia a delicia leza que se annunciasse o programma, os visos a que a secção mirava, os seus fins provaveis, o processo a seguir, a sinceridade da critica: — coisas...

- Quanto á apresentação.....
- Quanto a programma.....
- E até amanhã.....

HEITOR ANCEL.

O folhetim d'este diario publicará unicamente obras primas da litteratura portugueza e da litteratura estrangeira.

Hoje inserimos, como exemplo e modelo, no lugar reservado ás excellencias das bellas letras, um folhetim do primeiro romancista portuguez, um dos primeiros litteratos d'este seculo, que toda a sua vida tem dedicado ao culto da lingua e da litteratura patria, e que é um dos nossos mais primorosos classicos.

Honra-nos a sua brilhante collaboração, e todas as semanas terão os nossos leitores o precioso trabalho da sua penna suladora.

Amanhã principiaremos a publicar o delicado livro de Lamartine, *Raphael*; e em seguida escolheremos outros, sempre dos melhores escriptores, e que tenham uma fama universal.

Intendemos que em litteratura, como em poesia, como em todas as bellas artes, só o que é perfeito é aceitavel.

Não deslizaremos um instante d'este nosso intuito, porque não queremos de fórnica alguma desprimorar uma das secções mais interessantes da imprensa diaria.

Raphael, a inspiração sublime da infancia do grande poeta francez, apparecerá com todos os primores do seu estylo na versão livre de Guimarães Fonseca. Invocamos o espirito delicado da leitora para esse prodigio

vaca para não sobrecarregar a tripa. Elle intendia que um homem, desde os gorgomilos por ali abaixo até onde a physiologia o faz e desfaz, era tudo tripa singular e a todos os respeito unica. Já perto de casa, ouviu profirir o seu nome. Era a mulher do sapateiro Leonardo que lhe pedia duas palavrinhas á parte, se fazia favor.

— Dize lá, que temos, Maria? Depressa; que faz frio.

— Vai inde, Joaquim — disse ella ao creado portador do lampião. E segredou-lhe que a sobrinha estivera desde as sete até ás nove horas no mirante a tagarellar com um estudante. Não queria intrigar viva alma, mas teria escrupulo de não avisar o tio, tão boa pessoa, se ella escoregasse, que era o mais certo, porque o estudante ja tinha deitado a perder a Garabulha, da Rua dos Sapateiros, uma rapariga pura como as estrellas do ceo, appezar do que se rosou com o arediago, Deus o tenha á vista, um pobre velho — acrescentava quase lagrimosa — que morrera inchado, que por signal até era ella quem lhe esfregava as canellas com genebra, e lhe dava as mézuihas, com licença

d'elle padre João que a ouvia — a falar verdade — com nojo.

— Está bom, está bom, Maria — interrompeu o padre — darei providencias. Obrigado pelo vosso zelo, visinha. E adeus; que está a giar.

Ainda não se disse que este romance está correndo em Braga; mas o leitor ja o farejou na fragrancia da scena que recende os aromas de todas as historias que ali se passam. Um padre a sair de lampião de eaza dos senhores Avellares é Braga por fóra e um pouco por dentro no que respeita ao cidrão arrotado. Se se ajuntasse a isto que havia vozes alternadas entre portas e adufas entoando deplorativamente o terço, seria um pleonasmo e desperdicio de genio.

Ora, aquella menina que sustentou um colloquio aspero e, como quer que seja, desusado entre dois sexos que se amam, era filha de um bedél da Universidade. Este bedél, natural de Braga, procedia de pais fidalgos. Era filho segundo; mas, na estupidez,

tivera partilha igual com o primogenito. Pareciam dois morgados. Chegára até ao terceiro anno juridico; porém levava-lhe sete a chegar ali. Em ferias d'esse anno, amou a irman do padre João Evangelista Lopes, menina de bons costumes, que fazia os caldos substanciaes de que as ricas fibras mucosas do padre se urdiram, e pouco mais fazia, a não ser nunciar com recato e decencia o academico Simeão de Queiroz, com quem casou. A familia d'elle pô-lo na rua logo com 200\$000 réis de legitima, e a maldição postuma dos Teives Queirozes Coimbraes, seus avós pela linha de Ordonho II. Foi um dia de horror e lucto. Fecharam-se as janellas manuelinas e amantaram-se de betetas golpeadas as armas dos portoes de quintas. Um tio, ex-capitão-mór, que habitava o pardieiro solarengo de Negrellos, mandou dobrar a defunto a sineta da capella e borrou na arvore genealogica da familia o nome de Simeão. Para provarem onde conviesse que o marido de Apolinaria Lopes nunca tinha nascido, tentaram subtrahir a folha do livro dos baptismos, aliciando o vigario.

litterario, que revella, em scintillações do genio, todas as evoluções divinas da alma humana.

CARTAS DO PORTO

30 DE JUNHO

Os correspondentes de jornaes no Porto — Burguesia patriarcal. — Eugene Husart e Pangloss. — Lisboa e Porto. — Um livro de Camillo. — Festas no dia 24 de julho — A Associação Liberal — L. Pedro IV e as arvores da praça Nova. — A Norma.

Torna-se-me extremamente difficil satisfazer ao penoso encargo que me commetteram.

Os correspondentes do Porto para os diarios de Lisboa se não noticiarem as partes da policia ou os desastros occasionados por algum incendio, devem julgar-se dispensados do seu mister.

Singularmente retrahida e laboriosa, a maior parte dos habitantes da Invicta cura do seu commercio, labuta nas suas industrias, e só pensa em expandir os seus enthusiasmos quando inspira na atmospheria social o oxigenio das patrias liberdades.

Eugene Husart e o dr. Pangloss, refocilando-se com o seu prato de batatas comidas debaixo de um tecto de colmo, eucontrariam a realização positiva do seu cruel scepticismo nas individualidades que povoam esta região.

Como querem, pois, que eu prefaca a corporatura de uma revista? Como attingir ao conseguimento de uma simples chronica?

Em Lisboa é bastante o theatro do parlamento para fornecer variadissimos assumptos á confecção de um artigo de fundo; os discursos dos vendedores do Senado Portuense, — no seu parlamento habdomadario — não dão ensanchas para larguezas litterarias, nem azas para ascensões elevadas. É certamente uma tristeza; mas é preciso, inevitavel e fatal, o contemporizarmos com o clima em que vivemos.

Hoje felizmente tenho a dar uma gratissima noticia a todos os homens de letras, que prezam as glorias litterarias do nosso paiz.

É um livro de Camillo Castello Branco, do solitario eremita do S. Miguel de Seide, do nosso primeiro romancista, do mais notavel archeologo das letras portuguezas, do patriarcha da nossa litteratura, enfim.

O livro, editorado pelos srs. Clavel & C.ª, intitula-se: *Perfil do Marquez de Pombal*.

A dedicatória é feita a Antonio Rodrigues Sampaio, Soldado intrepido e amigo incorruptivel da Liberdade que o fez grande, publicista cincoenta annos, ministro algumas vezes — e sempre pobre.

É curto o espaço circumscripito d'esta carta para aquilatar a purissima agua d'este brilhante litterario.

Alguns parentes afagaram a esperanza de que o villão, refractario ao opprobrio, morresse de fome. Um velho coronel de milicias de Barcellos, que jazia entevado, jurou que, se não estivesse tolhido, iria traspassal-o do peito ás costas com a sua espada, e, apontando para ella, podia dizer como Virginiu da familia quase poluida por Appio Claudio: *Está pura!*

Toda aquella familia vingothica era uma pouca vergonha com abundancia de gritos, ferocidade e lagrimas. No entanto, Simeão de Queiroz, contente em sua pobreza, e banhado do nutriente luar que dão as luas dos noivos, estava em Coimbra agenciando o officio de bedél com que ja tinha enganado a fome o bom historiadador da India Fernão Lopes de Castanheda.

Indemnizou-o a fortuna dos que muito amam pela resignação com que elle, fidalgo e quase bacharel, accitou o humilde cargo, dando-lhe em nove annos oito filhas. Havia n'elle e na esposa um geito particular de se propagarem em meninas galantes, umas que vieram a ser alvas e loiras, outras morenas, de traças ne-

A obra revela um estudo meditado e profundo, transpira a ideia da justiça por todos os seus stomas e veio descerrar as palpebras a todos os amauroticos que se armaram Magriços da memoria do primeiro ministro de D. José.

No curto proemio que precede o livro, diz o seu illustre auctor que este producto litterario não pôde agradar a ninguem, nem aos republicanos, nem aos absolutistas, nem aos temperados.

Os primeiros detestarão o livro porque Camillo reputa o famoso Conde de Oeiras como a incarnação do despotismo;

Os reaccionarios por não participarem do odio religioso aos inimigos dos jezuitas;

Os temperados por terem tres dózes da bilis azeda dos tres partidos militantes.

A carta a Gonçalves Crespo, o mimoso poeta dos *Nocturnos*, a marquez de Tavora e os horros do nefasto dia 13 de janeiro de 1759, trezandando aos vapores alcatroados e aos torresmos dos Tavoras, Mascarenhas e Athougias, constituem a atmospheria em que deviam de respirar as veziculas pulmonares do ferocissimo marquez.

É provavel que na arena litteraria se exhiba algum acrobata de força, que queira arcar braço a braço com o pujante anti-centenarista.

Será um triumpho a mais que o Grande Oriente da nossa litteratura alcance sobre o esfrangalhado exercito dos aprendizes do alfabeto da nossa historia patria.

A Associação Liberal prepara sumptuosissimos festejos para commemorar o semi-centenario da entrada dos 7,500 bravos do Mindello na heroica cidade do Porto.

Missa compal no campo da Regeneração, com altar levantado em caixas de rufo, continencia de grandes forças militares á estatua do Libertador na praça de D. Pedro, recitas de gala, presença das magestades, passeios fluviaes, e, segundo dizem, um ataque simulado á Serra do Pilar, é o repertorio das esplendorosas manifestações com que a Invicta se propõe mimozear os que nesses dias demorarem dentro do seu recinto.

A estatua do Rei-Soldado já tomou o seu banho de potassa caustica para se apresentar no dia da festa mais esbelta e guapa. Anediaram as crinas ao cavallo de batalha e frizaram as barbas grizalhas do donairoso cavalleiro. Como se prepara uma parada de ostentação, não seria justo que o general-em-chefe se apresentasse enxovalhado e sujo pelas oxidações do tempo.

A Carta, porém, que o illustre Dador conserva dezenrolada na mão direita, ficou na mesma.

As incrustações fossilizaram aquelle engelhado pergaminho, e não se descobre deterstvo que possa laval-a

gras, toda á competencia de belleza, consoante a physica e a metaphysica de cada admirador.

No decurso d'estes nove annos, o padre João Evangelista que vivia da missa de seis vintens e dos defunctos, quando a irman casou, metteuse com bom dia pelo caminho da fortuna sem deslizar do trilho da religião. Guiava-o o padre-mestre Larraga com a sciencia da vida e da alma. Fez-se confessor e ganhou fama. Não dava ferias á faina d'este essencialissimo sacramento. Abria as portas sideraes do ceu e os alçapouens lobregos do inferno, a toda a hora, umas vezes com as chaves que lhe transmittira, mediante o principio dos apostolos, a sublime victima da crueldade judaica; outras vezes, corrompendo a theologia cazuistica, abria as portas do ceu com gazua, mettendo na bein-aventurança gente impossivel. Como a idolatria transportára ao olympo o burro de Sileno, havia pouco que espantar na longanimidade com que padre João fazia predestinados. Dizia elle, pondo os olhos no espaço — o n'isso concordava toda a Rua das Conegas — que as tres irmans

da immundicie que a conspurca, nem se prepara benzina que lhe tire as uretuosas noções. Pobre Carta, e pobre Direito Publico Portuguez!

As arvores que povoavam o lado oriental da praça, foram decepadas l'ontem, cerca da meia noite, hora de tenebrosos e incompreensíveis mysterios. Vegetaes innocentes foram condemnados á degolação dos Tavoras. É provavel que o moderno Conde de Oeiras, executor d'esta sentença, venha a ter ainda o seu centenário em 1982.

A minha maior magua é não poder assistir aos festejos pombalinos do famoso arboricida.

No Baquet vai hoje a «Norma». Como o céu se conserva enublado, duvido que os druidas possam adorar a lua.

Até breve.

W.

PELOURINHO DA IMPRENSA

O crime, perante a philosophia, é uma desgraça social, perante a medicina é uma doença de espirito. Posto isto, o criminoso é sempre um infeliz.

Affrontar a desventura, embora maculada com a nodosa do crime, não é nobre, nem é justo, nem é digno; e a critica jornalística, amarrando o nome de um delinquente no poste da ignominia publica, commette, perante a sciencia, um abuso deploravel.

A verrina, atirada ás faces de um criminoso, não pôde servir de tonico á alma social: serve apenas de evolução deprimente á reabilitação psychica.

Antigamente amarravam-se os criminosos ao pelourinho da praça publica. O progresso espantou-se d'esse quadro horrendo de aviltamentos e lagrimas, e n'um impeto de indignação lançou no sepulchro da historia os troncos e os ergastulos. Hoje o ergastulo, o tronco, o pelourinho é apenas uma columna: a columna do jornal onde se amarram as amarguras do crime, e algumas vezes a reputação da innocencia.

Protestamos.

Como recordação eloquente do nosso protesto, daremos a epigraphe que pomos a este artigo a qualquer noticia, que em taes assumptos a curiosidade prevertida do publico exija do nosso periodico.

O nome das victimas do crime, e dos martyres da sorte, será sempre occulto no veu da humanidade.

COLUMNA ROSTRAL

A familia real parte, definitivamente, para o Porto, sabbado 8. Preparam-se grandes festas liberaes, e nos torneios da liberdade o Porto

Moitas suas confessadas e ja defunctas estavam inteiras na cova e inteiras no ceu. Era uma das suas fanhas sobre o diabo; porque, tendo ellas sido uzurarias, intriguistas, feias e concubinarias sacrilegas de frades do Populo e de Tibães, afinal, caíram em si, de si caíram para o peito edificante do seu pai espirital, e acabaram aureoladas de esplendores de Marias Egypciacas, deixando ao seu confessor 30,000 cruzados em peças e dobroens.

A caza de padre João Evangelista Lopes era um ovo, diziam os seus emulos no confessorario, increpando-lhe a cubica. Padre Miguel asseverava que elle fazia asneiras em materia de penitencia, porque não sabia Moral, e em todas as disciplinas ecclesiasticas dera de si o mais descompassado quadrupede. Padre Mathias, examinador synodal, chamava-lhe larapio simoniaco, porque ladroava os bens mundanaes, explorando fraudulentamente as almas que, recommendadas por tão indigno ministro ao supremo juiz, baqueavam irremediavelmente no inferno. Entretanto, elle, imperterrito como todos os

conquistou sempre a palma civica. A recepção de El-Rei será digna da indole cavalheiresca da bisarria portuense. O Porto tem no escudo do trabalho os nobres brazões da fidalguia d'alma. Nunca fugiu aos perigos das grandes luctas, nunca faltou aos deveres da galhardia alevantada.

No regresso do Porto El-rei irá presidir á inauguração da linha da Beira. O beirão que, nasce entre as urzes da encosta e os lyrios dos vales, vive do trabalho n'um solo feraz e virente, tendo por horizonte flores e espinhos, os rozeiras das collinas e os carcos dos montes. O beirão tem a coragem do heroismo das serras, sempre firme e resolute de face erguida para o perigo. Também tem a indole delicada e mimosa da poesia alpestre, que recebeu, sempre, em sorrisos os seus hospedes.

El-Rei vai ser hospede da Beira.

Está incommodado o sr. Ulpio da Veiga, excellent talento e distinctissimo caracter.

CULTO DA ARTE

PALESTRAS MUSICAES

1

É innegavel que nestes ultimos tres annos tem augmentado consideravelmente o movimento musical de Lisboa, e que o gosto do publico, em relação á arte, tem soffrido profundas modificações e se tem não sómente apurado, mas também depurado. Ainda ha bem pouco tempo o *diletante* lisbonense só se entusiasmava com os cantores do theatro lyrico; para elle o ponto culminante da arte achava-se no *dó* do tenor, no *lá bno* do baritono, no *mi grave* do baixo-profundo, na *volata* e no *morzato* da *prima-donna*: fora do genero *opera* não havia salvação possível, e tudo o mais era *moçada*. Longe de mim a ideia de pertencer, mesmo ao de leve, depreciar o genero *opera*,—apraz-me até declarar que, para mim, a *opera* é a mais brilhante e imponente manifestação da arte: quero apenas fazer notar que o movimento musical de Lisboa se limitava ao theatro de S. Carlos, tirante meia duzia de concertos annuaes, cuja maior ou menor concorrencia nunca era espontanea, mas apenas devida aos *bilhetes passados*. Os promotores d'esses concertos organizavam uma orchestra de 20 ou 25 figuras para tocar as aberturas da *Semiramis*, do *Dominó* ou de *Si j'étais roi*, em quanto os espectadores entravam para procurar os seus logares ou se levantavam para sair,—um verdadeiro *verbo de escher*, que ainda assim era ouvido impacientemente, porque poderia retardar alguns minutos a execução d'algunha detestavel *romanza*, mais detestavelmente cantada. Já se vê que nisto havia

martyres da iniquidade, ia confessando, absolvendo e herdando de maneira que a sua caza ja não era um ovo de galinha vulgar como o de Colombo: era um ovo de abestruz—ovo, cuja casca, diz o grego Luciano, partida ao meio dá dois chapéus para homem.

Estava pois rico, rijo, encarnado, barriga panda mas compacta, estomago apenas moroso em esmoer escabeches e frigideiras; e só á volta dos 62 sentira os primeiros rebates da gota no joanete do dedo grande do pé direito. Não tinha filhos padre João. A este respeito, dizia elle, sem distincção de sexos, que era uma vestal. Padre Mathias espirrava uns frouxos de rizo sarcástico e gismava: «A respeito de vestal, tó-carocha! que n'ó venha dizer a mim esse hypocrita, a mim, que fui seu condiscipulo. Falem-lhe na Tamanca e na Margarida das Carvalheiras.» Tinham sido duas flôres de latrina: a primeira resvalára da miseria ao charco; a outra, mais ingenua que as illustres romanas que afevelavam mascara para so arrolarem nos bordéis, desceu do seu palacete armoreado com o bello

excepções; em algumas cazas e raros concertos fazia-se boa musica (desculpem-me o francezismo); mas isso era o *rari nantes* no vasto pélagos onde ella se fazia má.

Em Lisboa apenas conheciamos os nomes das celebridades musicaes admiradas e applaudidas em todo o mundo, e as grandes obras symphonicas antigas e modernas quasi que nem mesmo de nome eram conhecidas; julgo até que havia quem não podesse admitir a possibilidade de entreter um publico durante meia hora com musica d'esse genero. A experiencia que ha mais de vinte annos se tentou nos *Concertos Populares*, já estava esquecida pelos mais velhos e era iguorada pela geração nova.

De repente, no meio d'este marasmo artistico, surge um empresario emprehendedor, Ebo Amann; faz-nos ouvir bonitas e novas peças d'orchestras, elegantemente dirigidas por Josephine Amann; apresenta-nos Sarasate, Essipoff, Donadio, Rubinstein, e as enchentes succedem-se ás enchentes, animando assim outro empresario a contractar Saint-Saëns e Bottesini. A associação musica 24 de Junho começa a pensar seriamente em dar signal de vida; pede ao maestro Dalmay que venha a Lisboa dirigir um grande concerto instrumental em beneficio de Guilherme Cosoul, e o exito d'essa esplendida festa artistica decide-a a inaugurar em Lisboa uma serie annual de concertos a grande orchestra, á imitação do que se faz lá fora nas grandes cidades. Esta ideia, levada á execução com grande energia e força de vontade, tem o mais feliz resultado, e a grande orchestra de Lisboa, habilmente educada por Barbieri e Colonne, já conta tres séries de concertos, com exito sempre crescente, promettedo-nos ainda maior brilho artistico para as futuras séries. Breton e a sua bella orchestra hespanhola vem dar alguns concertos em Lisboa; Del-Negro atreve-se a contractar a celebre *sociedade de quartetos* de Monasterio; executam-se, em um concerto a grande orchestra, perante milhares de espectadores, composições exclusivamente portuguezas, e, caso virgem entre nós, até se organisa uma verdadeira cruzada para se conseguir que suba á scena em S. Carlos uma opera de um compatriota nosso!

Estes factos,—que não cito por ordem chronologica, porque isso nada aqui tem que ver—dão perfeita ideia da animação a que ultimamente tem attingido o nosso mundo musical. O publico, secundando admiravelmente as referidas tentativas, tem-se instruido musicalmente, sabe apreciar a boa musica sem se restringir ao theatro lyrico; sabe como um Sarasate toca violino, como um Rubinstein toca piano, como um Bottesini toca contra-baixo, como um Bethoven,

rosto apenas velado de caracos, e substituiu-se como as mulheres de Ezequiel aos frequentadores das alfurjas do Porto. Faz-se muita scena do Velho Testamento sem o ter lido.

Afirmava padre Mathias que entrara n'estas e n'outras patuscadas de camaradagem com o outro. Assim lhes era mister no officio adoptado. Seriam confessores imperfeitos e myopes espioens da alma, se não soubessem desfranzir os refulhos do vicio e esgaravatar com unha experiente o latibulo do peccado no peito das penitentes. Mas ninguem podia asseverar que padre João Evangelista Lopes savorasse os doces venenos da paternidade.

De vez em quando, vinham de Coimbra duas ou tres filhas de sua irmau Apollinaria, e levavam á mãe fatura de teias e prezuntos que sobejavam ao confessor. Simeão affezara-se ao emprego, vivia com certo desempenho, e era bem aceite ao reitor, seu parente em grau proximo. Além do ordenado de bedél, percebia bons salarios de solicitação de cauzas. Aprendera a legislação com um fiel de feitos, a quem ensinou em

um Mendelssohn, um Wagner, um Berlioz, escrevem musica symphonica, e tudo nos induz a crer que dentro em pouco tempo a musica terá entre nós o desenvolvimento e occupará o logar que lhe compete como á mais bella das bellas artes.

Dispensem-lhe alguma protecção os poderes publicos, não desanimem os artistas, e esse tempo em breve chegará, posto que já não chogue cedo.

D'esta breve resenha retrospectiva deprehende-se que a critica musical tem hoje mais em que se exercer do que no simples noticiario das representações da opera de S. Carlos, ou da opereta da Trindade,—e por isso accetei gostoso o encargo d'esta secção, que fica sendo da minha exclusiva responsabilidade, e para cujo bom desempenho, se não tenho as habilitações necessarias, tenho-as ao menos não inferiores ás dos outros criticos musicaes de Lisboa. (Releve-se-me esta pequena falta de modestia)

Hoje, que o gosto pela musica se va desenvolvendo tanto, convem não descurar certos assumptos de que depende o futuro da arte entre nós, taes como a criação de concursos artisticos, as reformas urgentes do ensino official, a protecção devida a qualquer composição nacional que esteja no caso de se apresentar na nossa scena lyrica ou no salão do Conservatorio, o estabelecimento de conferencias publicas, a criação da *Academia Musical* que, segundo me consta, o illustrado actual director do Conservatorio tem projectada, e, finalmente, muitos outros projectos de que se trata em toda a parte aonde a musica é cultivada com esmero e amor. Além disso, a classe musical de Lisboa não tem tido até hoje, na imprensa diaria, representante effectivo que trate dos assumptos que a podem interessar; os artistas musicos poucas vezes veem á imprensa a não ser para uma questão pessoal, e assim mesmo, quando veem, nem sempre illustram a arte, antes a desprestigiam, não só por usarem geralmente de uma technologia que se torna pertenciosa fora de um curso ou de um livro de ensino, e por isso mesmo aborrece os leitores, mas também—sinto dizel-o—por mostrarem ás vezes nos seus escriptos uma ignorancia musical indesculpavel em quem se apresenta como entendedor. Haja vista o que se disse de parte a parte nessa desgraçada polemica a proposito do concurso para a aula de piano do Conservatorio!

Assumirei pois a representação da classe, a quem desde já offereço esta secção para qualquer discussão séria e digna que lhe diga respeito, mas nunca para controversias pessoais. Espero, quando se tratar de qualquer assumpto que interesse directa ou in-

1 Declaro não ter opera alguma que pertenda fazer representar.

troca o que sabia dos tres annos juridicos. Por pouco que o não inutilizava.

As oito filhas do bedél eram umas nymphas do Mondego que tinham mais direito ao verso hendecasyllabo que as outras que de Ignez

a morte escura

Longo tempo chorando memoraram.

Entre 1840 e 1850 não foi a Coimbra Lamartine subalterno que as não cantasse no estylo doentio de então. Solãos e madrigaes. Um ideal de castellans medievas, com umas rimas tão perfumadas de petrarchismo que nem ellas tinham olfacto capaz de sentir o insidioso azote com uns bagos de myrra. Aquelles amores que viram pennunjar o buço do sr. doutor Pedro Penedo e o meu, se andassem cantados trinta annos depois, fariam zangarriar guitarras em fadinhos de uma melancolia sem grammatica sobre os bancos gordurosos da tia Maria Camella. Estes actuaes poetas da carne—gregos na lingua e gregos na plastica—injuriam as lagrimas e caricias genuflexas do romantismo, diriam que as oito filhas

directamente a arte, ser coadjuvado pelos meus collegas de critica musical, cujas opiniões respeitarei sempre para que respeitem as minhas e com os quizes não venho aqui estabelecer polémicas que detesto, porém sim discussões artisticas de que se possa tirar utilidade.

Ha na imprensa periodica de Lisboa individuos que, sem possuirem os conhecimentos especiaes da arte, são todavia dotados de fino criterio musical, bastante leitura e bom senso sufficiente para fazer critica illustrada e desapaixonada. A esses peço que concorram comigo para travar a roda da falsa critica que, umas vezes por ignorancia, outras vezes por sympathias ou antypathias pessoais, desvaira o gosto publico e o desvia do bom caminho que, vagarosa mas progressivamente, tem tomado.

É justamente durante a epoca lyrica que este accôrdo se torna mais necessario, e, a esse respeito, cumpre-me desde já definir a minha posição. Não convivo com os cantores, não entro no palco scenico, não tenho recebido da empresa aggravos que me façam achar tudo mau, nem finezas que me obriguem a achar perfeição em tudo. Creio, portanto, estar no caso de, imparcial e desapaixonadamente, tratar largamente dos assumptos theatraes, convidando-me ainda a fazer observar que, na minha opinião, a critica, para ter força, deve ser mais benévola do que malévola:—as rijas polémicas lyricas de que eu tanto gostava ha trinta annos, acho-as hoje de pessimo gosto.

Estão em moda os programmas, e eu, abrindo esta secção musical do *Mundo*, exponho francamente o meu. Terei os conhecimentos e a intelligencia necessaria para o cumprir? Saberei cumpril-o á risca? Serei capaz de não me desviar da imparcialidade que me proponho seguir? Dilem os leitores para o futuro.

E. LAMI.

EXPEDIENTE

É representante da empresa do *Mundo* na sua redacção o sr. Diogo Nouto, um dos proprietarios e um dos redactores. Toda a correspondencia politica ou litteraria lhe deve ser dirigida.

Amanhã, domingo, também sai a nossa folha.

TELEGRAMMAS

PORTO—1 de julho ás 12 e 40 da tarde.

A commissão de engenheiros que veio examinar o tunel da Serra do Pilar mandou fazer alguns reparos.

Continuam os preparativos dos festejos para o dia 9 de julho. Promette-se esplendidos.

Principiou a funcionar a rede telephonica pelo systema de Lisboa.

do bedél eram um bouquet de flores paludosas, anemicas, chloroticas. Ora, os menestres d'aquelles dias cheios de luz sonora, e d'aquellas noites trinadas pelos rouxineos do sineiral, com quanto tolos felizes e ingenuos, enxertaram as oito pequenas em Shakespeare. Um bardo triste como um môcho embalsamado quando versajava, e o mais devasso Petronio nas orgias da estalagem do Paço do Conde, rimou tres costaneiras á mais velha das oito, e intitulou-as na estampa: *O livro de Julieta*. Elle, o Romeu, collaborava um d'estes annos no Codigo Civil e escrevia na *Gazeta dos Tribunaes* sobre laudemios, com equal enthusiasmo. Julieta e o Codigo,—duas paixoes grandes que lhe acabaream a alma. Havia uma *Porcia* que chegou a maridar-se com o presumptivo Bruto, que está no Tribunal de Contas á espera de occasião greitosa para morrer pela patria como o outro da historia. Uma d'ellas era *Ophelia*, justamente aquella Amalia que, ha pouco, a mulher do sapateiro denunciou ao padre João Evangelista.

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

INSTITUTO SANITARIO HYDROTHERAPICO

ANNEXO AO GRANDE HOTEL DO PORTO

Fundador—Dr. Miguel Couto dos Santos

Medicos effectivos desde a sua fundação—Ricardo de Almeida Jorge e Miguel Arthur da Costa Santos

Fundado em fevereiro de 1881, o Instituto Hydrotherapico do Porto foi o primeiro estabelecimento do seu genero em o nosso paiz, prestando aos clinicos e aos doentes um recurso therapeutico de uma vantagem hoje posta fóra de toda a contestação e como tal vulgarisadissima no estrangeiro. A utilidade e a necessidade da tentativa foram felizmente comprehendidas; uma avultada concorrencia de doentes de ambos os sexos e os felicissimos resultados obtidos amplamente o comprovaram. Para corresponder a este favor crescente, procedeu-se a nova installação, em edificio expressamente feito, com todas as commodidades materias e aperfeiçoamento da instrumentação hydrática, á altura do que a experiencia e a sciencia teem indicado de melhor. É este novo estabelecimento, cuja abertura se annuncia ao publico.

A serie dos apparatus hydrotherapicos é completa:—**DUCHES FIXAS** em chuveiros, corôa de rei, laminas concentricas, columna e collo de cisne—**Duche dorsal**—**Duches moveis**, em chuvei, columna e lamina.—**DUCHE CIRCULAR**, ascendente e descendente em recinto especial.—**DUCHE PERINEAL** hemorrhoidaria e vaginal, tambem em recinto proprio.

Tres reservatorios collocados a alturas diversas e alimentados por agua corrente, cuja temperatura oscilla entre 10° e 14°, fornecem a todos estes apparatus **Agua Fria** em abundancia, podendo-se variar á vontade a sua quantidade e pressão. A **Agua Quente** é ministrada por um aparelho de circulação, graduando-se facilmente a sua temperatura e pressão, o seu emprego permite a applicação de—**Duches Quentes**, **fixas**, **moveis e perineal**.—**Duches Escosseza** e **Alternativa**.
As **Estufas**, que são actualmente um elemento de primeira ordem em estabelecimentos d'estes,

acham-se dispostas segundo o melhor methodo. Ha **estufas de ar quente, seco ou humido e de vapor**.—**Banhos de estufa e de vapor**.—**Banhos russo e turco-romano**, hoje tão preconizados, não só como elemento therapeutico poderoso mas como excellentes melhoradores hygienicos.

Uma **PISCINA**, que pode receber agua a temperaturas diversas, é utilizada para a **immersão simples** ou consecutiva ás sudações de estufa.

As duches therapeuticas sómente serão applicadas pelos medicos do Instituto; nas senhoras a applicação será feita por pessoa do mesmo sexo, convenientemente habilitada.

As duches succedem-se **Massagens methodicas e exercicios gymnasticos** da reacção.
Gymnastica Medica, dirigida por professor habilitado, sob as prescrições dos medicos do Instituto.

Electrotherapia, por **correntes induzidas e continuas**; as electrizações são praticadas com apparatus volta faradicos e baterias galvano-therapicas.

A **hydrotherapia**, a **gymnastica**, a **electrotherapia**, constituem meios poderosos de tratamento, em variadissimas molestias taes como: hysteria, epilepsia, choréa, hipocondria, nevralgias rebeldes, certas paralyas, myelites, scleroses, e outras affecções encephalicas ou medulares, anemias, chlorose, lymphatismo, eschrophula, bronchites chronicas, asthma, angina de peito, intoxicacões, cachexias, tuberculos incipientes, syphilis, rheumatismos chronicos, diabetes, albuminuria, dy-p-p-sias, e outras affecções do apparatus digestivo; vicios de conformação, molestias de pelle, do figado, das vias genito urinarias, etc.

As applicações hydrotherapicas são feitas pela manhã das 7 e meia ás 9 e meia horas, e de tarde da 1 e meia ás 3 e meia horas.

Gymnasio completo.—Cursos diurnos e nocturnos de gymnastica.—Esgrima.—Sala de bilhar.

No escriptorio do estabelecimento dão-se todos os esclarecimentos precisos

MAISON DE FRANCE

ESPECIALIDADE EM CHAPEOS E CONFECÇÕES

Ha uma verdadeira exposição de elegantes CHAPEOS, executados pelos ultimos modelos das mais acreditadas MODISTAS DE FRANÇA; para SENHORAS e CRIANÇAS. Arranjam-se todos os chapéus antigos á moda pelos ditos modelos, e ha todos os preparos para os confeccionar. Cascos para chapéus de 500 a 45500 réis.

ATELIER DE VESTIDOS

Executam-se VESTIDOS e CONFECÇÕES com a maxima perfeição, rapidez, e por preços muito resumidos, assim como ENXOVAES completos para NOIVAS á vista dos ultimos figurinos. Satisfazem-se encomendas de todas as terras do reino e ilhas, encarregando-se dos transportes com a maior promptidão.

N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na «MAISON DE FRANCE», por preços consideravelmente resumidos, e por isso os proprietarios d'esta casa esperam merecer a deferencia dos seus clientes.

TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 61 — 1.º ANDAR

103 RUA AUREA
Eu Não sei Que fazer,
Que dizer mais
Para chamar á-loja
O HIG-LIFE de Lisboa:
Fallo dos que têm gosto
Sem lhe importar feitio e peso,
E que querem, desejam invejam
O primor d'arte que do artista é gloria.
A esses off'reço os meus versos sem rima
Que—para variar,—agora armei em bico

Livraria Industrial

EDITORA

229, RUA AUGUSTA, 231

Manual do Christão Devoto—livro de orações consideravelmente augmentado; impressão em bom papel; gravuras feitas em Paris. (Não confundir a nossa edição com outra que saiu ao mesmo tempo.)

Livros de estudo portuguezes e francezes; romances dos principaes auctores; albans para retratos e desenho; vistas de Portugal, oleographias, chromos, objectos para desenho. **Unica casa onde se vendem livros para Conservatorias.**

229, RUA AUGUSTA, 231

O ANTONIO MARIA

Publicação humorística Illustrada

POR

BORDALLO PINHEIRO

E collaborada por distinctos escriptores

Estão publicados 3 vol. que são um verdadeiro bijou de assumptos politicos, theatraes, etc., etc., com referencia aos tres ultimos annos de 1879, 80 e 81.

Existe um diminuto numero de colleções completas, e dentro em pouco tempo será difficil obter um exemplar.

Os 3 vol. lindamente enc., capas em chromo, envernizadas, e com pastas exteriores para resguardar o brilho d'aquellas, preço 154000 réis. O preço será augmentado dentro de pouco tempo.

A venda na **Empresa Litteraria Luso-Brazileira**, rua dos Correios, 140, 1.º, Lisboa, administração do Antonio Maria. Toda a correspondencia dirigida a A. de Sousa Pinto.

Aos snrs. assignantes d'esta publicação

No escriptorio da mesma empresa recebem-se colleções para encadernar e arranjar nas mesmas condições ao preço de 34750 réis os 3 vol.

A' VOLTA DO MUNDO

1 vol. luxuosamente encadernado 34500

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

Grande deposito

DE

VINHOS, COGNACS E LICORES

MADUREIRA MONTEIRO & C.º

257, Rua do Sá da Bandeira

PORTO

ALMAMACH

DO

ANTONIO MARIA

Para 1882

PREÇO 300 RÉIS

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

O maior successo!

A VENUS NEGRA

De Rodolpho Belot

Auctor dos Estranguladores

Grande romance geographico, illustrado, de aventuras, episodios e paixões no Continente Negro.—3 vol. 2250 em brochura, 34000 em percaline.—Empresa Ferreira de Brito, Victoria, 166, Porto, e em todas as livrarias principaes e Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

O ultimo negreiro

Romance geographico, illustrado, de escravatura, e explorações na Africa Mysterosa.—1 vol. 600 réis.—Empresa Ferreira de Brito, e nas principaes livrarias e na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

Os pescadores de nacar

Romance geographico, illustrado, de viagens e aventuras no centro d' Africa.—1 vol. 600 réis.—A' venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

CAMONEANAS

DE FERREIRA DE BRITO

Portugal a Camões, Fabula de Narcizo

O Atheneu, O Parnaso,

Homenagem a Camões, etc., etc.

A' venda na Empresa Litteraria Luso-Brazileira.

ALMANACH

DO

Antonio Maria

PARA 1882

PREÇO 300 réis

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira, Correios, 140, 1.º

UNIÃO

Photographia da Casa Real



FONSECA & C.º

Premiada pela Academia Nacional de Paris em 1878 e nas exposições Universal de Philadelphia de 1876, Rio de Janeiro de 1879 e Cadix de 1880

47, Praça de Santa Thereza, 47

PORTO

CHROMOTYPIA

Retratos inalteraveis a carvão

N'esta photographia, que se acha estabelecida n'uma casa apalaçada, que offerece todas as commodidades precisas para ser honrada pelo publico, executam-se todos os trabalhos concernentes á arte photographica, segundo os melhores e mais modernos processos, o que lhe tem valido distinctos louvores de toda a imprensa e a visita dos principaes personagens do paiz e do estrangeiro. Opera-se todos os dias e com todo o tempo.

BAZARES

Grande diversidade em lindos objectos de phantasia do mais fino gosto proprios para brindes, e muitos outros apropriados para premios dos BAZARES nas proximas festas campestres.

CAFETEIRAS RUSSAS

NOVAS MACHINAS PARA CAFÉ

CASA DE NOVIDADES

ALVARO JOSÉ BAPTISTA

RUA DO OURO

Eça de Queiroz—Ramalho Ortigão

AS FARPAS

CHRONICA MENSAL

PREÇO 200 RÉIS

SUMMARIO D'ESTE NUMERO

A patria portugueza e os quatro milhões d'egoismos de que ella consta—Presente estado das ideias—A religião—A politica—A moral—A arte—Sentido historico do centenário de Camões, sua influencia e seus resultados—Dois annos depois—A celebração do centenário do Marquez de Pombal considerada como symptoma psychologico—Do estadista em geral e do Marquez em particular—Adduzem-se razões e testemunhos insuspeitos para o fim de provar que o estadista é um agente secundario entre os ecceleradores do progresso, e que o Marquez de Pombal é um individuo secundario na classe dos estadistas—Buckle, Guizot, Bastiat, Begehot, Herbert Spencer, Wechniakoff, Augusto Comte, Michel Chevalier, e outros—Demonstra-se que o Marquez de Pombal exprime a negação de tudo aquillo que a liberdade affirma e que a democracia proclama—Coerção da agricultura, coerção da industria, coerção do commercio, coerção dos direitos civis, coerção do pensamento—Arruamento geral de todas as actividades nacionaes pelo systema quadrangular da realificação da Baixa—Secularização do jesuitismo na pessoa do mesmo Marquez—A estatua de Sebastião e o monumento do Paço—Parallelo do cavallo e do cavalleiro—Pede-se o esquecimento para um e uma charrua para o outro.

A' venda no escriptorio da Empresa Litteraria Luso-Brazileira

140, Rua dos Correios, 1.º